

ÍNDIA: CIÊNCIA E VERDADE

Prof^a Dr^a Raquel MOVSCHOWITZ
UFRJ - Univ. Federal do Rio de Janeiro

RESUMO

O nosso trabalho pretende demonstrar que pode ser estabelecida uma relação de aproximação conceitual entre o conhecimento científico ocidental e o tratamento que a cultura indiana dá aos temas de ciência e verdade. Para tanto, investigamos exaustivamente os VEDAS, o único corpo de conhecimento da Índia e, desta obra, extraímos dois saberes: a medicina ayurveda e a questão dos GUNAS, as principais tendências da natureza humana. A conclusão a que podemos chegar é que é necessário delimitar as várias dimensões da realidade que aparecem no conhecimento védico para poder estabelecer uma relação formal com o Ocidente.

ABSTRACT

This work intends to demonstrate that it can be established a conceptual approach between the "western" scientific knowledge and the way the indian culture gives to the subjects science and truth. We researched exhaustively the Vedas, the only body of knowledge of India and from this source we extracted two aspects: the ayurvedic medicine and subject on gunas, the basic tendencies of human nature. The conclusion we have reached is that it is necessary to delimit the multiples dimensions of the reality that appear in the vedic knowledge in order to establish a formal approach with west.

POSSÍVEIS ABORDAGENS SOBRE O TEMA CIÊNCIA E VERDADE

Há, pelo menos, três níveis de realidade através dos quais pode-se situar o tema da verdade assim como é visto na Índia:

- **nível filosófico** - é a verdade do Ser, a Ontologia, o Absoluto, Vedanta;
- **nível discursivo** - é puramente formal, a verdade em termos de relações assim como as matemáticas o são para o Ocidente;
- **nível mítico** - é a verdade enquanto os significados da natureza, SAMSĀRA, o mundo.

Para se conhecer a verdade enquanto o Ser Absoluto deve-se percorrer o processo da tradição o qual vem descrito na Gita através de JÑANA YOGA. É necessário aqui um esforço intelectual, um entendimento, uma compreensão, mas isto tudo deverá ser ultrapassado por uma visão interior da Totalidade. Enfim, neste caso, pode-se ver que na filosofia de Vedanta a qual constitui a parte final e mais recente dos Vedas há um ultrapassamento da Razão, há como que uma tomada de consciência de que eu me auto |re| conheço enquanto o Ser Absoluto. É quase como

uma reminiscência no caso pitagórico platônico, quando o sujeito se |re| (conhece enquanto o próprio Todo ou enquanto Idéia, enquanto permanência.

No nível discursivo a questão da verdade pode ser vista de uma forma semelhante aquela que é trabalhada no mundo ocidental. A verdade, aqui, mostra-se como um campo de relações onde os termos se entrelaçam apontando caminhos de verdades puramente formais mas que são relevantes na medida em que se nos re| (velam uma gama de possibilidades, no discurso, de re| (fletir sobre o mundo.

Aqui a Razão é operativa, todo raciocínio é passível de demonstração, é o **logos** inter| (agindo, é a teoria do conhecimento, é o estabelecimento formal das relações sujeito | objeto.

Para se penetrar na verdade em termos míticos deve-se levar em conta, antes de mais nada, a dualidade homem | mundo ou ISVARA – JĪVA ou universo inteligível | universo sensível ou PRAKRTI | PURUSA. Esta é a dimensão religiosa e também existencial a qual o sujeito tem acesso através de DHYANA YOGA, a devoção compreendendo também que há um Criador e uma criatura. Neste caso estabelece-se rituais, preces, cânticos, enfim, relações de devoção com uma força maior que governa o mundo.

Para se atingir a verdade na dimensão daquilo que o Ocidente denomina conhecimento propriamente científico deve-se levar em conta a dualidade e compreender que todos os entes naturais participam, de algum forma, de três qualidades básicas: RAJAS, SATTVA e TAMAS. Estas constituem as três tendências do homem e, na Índia, são denominadas GUNAS, as quais vão variando segundo as suas predominâncias. Assim sendo:

RAJAS refere-se à ambição, a uma produção para o conjunto ou para si mesmo, é o fazer, o agir, as competições e os empreendimentos com desejos;

SATTVA refere-se às pesquisas, às atividades que são realizadas em silêncio, é o estudo, o ensino, o conhecimento, é uma percepção clara dos objetos;

TAMAS refere-se à não clareza, à não ação, não discriminação, à inércia, lassidão, à preguiça física e mental, necessidade de impulsos, é a escuridão mental que leva à MOHA, ilusão.

Deve-se destacar, ainda, pelo menos duas formas de entendimento dentro desta perspectiva homem | natureza.

Estas duas formas podem ser ou - através dos primeiros SUTRAS que constituem discursos que contém o menor número possível de palavras, o que denominaríamos no Ocidente de termos primitivos, discurso indemonstrável e operacionalizado ou - através das classificações realizadas pela medicina indiana ou ayurveda, a qual afirma que este mundo SAMSĀRA é o único lugar onde a ação é possível. Assim sendo, o ayurveda classifica as pessoas segundo as suas características pessoais além das suas tendências ou GUNAS. Esta orientação para a classificação no ayurveda segue os mesmos princípios do neo | platonismo de Espeusipo e das divisões hierárquicas formuladas por Aristóteles. Na verdade, denomina-se SAMKYA a filosofia da dualidade PURUSA | PRAKRTI que o ayurveda adota. Sujeito de um lado, natureza de outro, há aqui, o esquecimento do Ser. SAMKYA lista as espécies à maneira aristotélica e classifica os seres dando base à tripla visão do homem que o ayurveda possui:

VATTA - refere-se ao elemento ar, é fino, frio;

PITTA - refere-se ao elemento fogo, é quente e leve;

KAPHA - refere-se ao elemento água, é pesado e denso.

Como se pode depreender, o que a medicina ayurveda propõe é uma compreensão dinâmica do sujeito na natureza, envolto pelas variadas predominâncias das GUNAS e uma tentativa de entender o homem no seu movimento, dentro de um fluir constante, mergulhado no devir contínuo como as águas caudalosas de um rio.

O CONHECIMENTO VÉDICO

A primeira forma descrita sobre a questão da verdade no mundo ou científica, no vocabulário ocidental, encontra-se nos primeiros Vedas. O conhecimento propriamente védico implica, em seu corpo de conhecimento, formulações de ordem totalmente práticas, tais como mostrar os procedimentos necessários para a instalação de um templo ou o que se deve fazer para conseguir gerar um filho do sexo masculino.

Os Vedas datam de 5.000 a 8.000 anos a.C. e são divididos em três partes: RK, SĀMA e YAJUR. É também considerado um Veda o ATHARVA o qual, embora não se saiba exatamente quando foi

compilado, é considerado um texto posterior aos demais e merece sempre ser ressaltado pois presume-se que seja aí que estão descritos os primeiros princípios da medicina ayurveda. Acredita-se, ainda, que foram os arianos que trouxeram para a Índia o RK Veda, o texto apontado como sendo o mais antigo. Na verdade, os Vedas constituem um único corpo de conhecimento e é todo transmitido sob a forma de versos. Pode-se afirmar que trata-se de um modelo de Razão possuidor de proposições que lhe são totalmente próprias e que forma um sistema de pensamento com uma teleologia explícita e clara. Trata-se de um conhecimento sistemático e, portanto, fechado, que não dá margem a qualquer outro possível modelo de racionalidade.

Ao contrário do Ocidente, a Índia possui um único corpo de conhecimento, os Vedas. Estes textos foram compilados pelos antigos RSIS, os sábios, e foram re | colhidos através da tradição oral ou através de re | velações de ordem mística. A primeira parte dos Vedas é dedicada unicamente à descrição de rituais mostrando, por exemplo, como se deve proceder para se livrar de alguma doença. É nos textos considerados propriamente védicos que são tratados os temas relativos à ação humana. Há, ainda, uma parte posterior a estes primeiros SUTRAS que versa sobre meditações, contemplações e mantras e reside pois aí, nesta parte intermediária dos Vedas, o exemplo mais claro de o enorme poder que o indiano doa ao sentido da audição.

Na verdade, a categoria de conhecimento para a Índia, implica, necessariamente, em três disciplinas:

- escutar
- refletir
- meditar

Por este motivo os Vedas devem ser escutados e não, lidos, pois considera-se que as palavras, além de possuírem um significado que lhes é próprio, também possuem um sentido de grande poder, até mesmo de conseguirem transformar fatos e situações. Como o discurso é passível de ser escutado, instaura necessariamente uma relação mestre | discípulo. Ao contrário do Ocidente, o qual privilegia o sentido da visão, a filosofia indiana não permite que seus textos sejam apenas objeto de leitura, mas implica nas três disciplinas: escutar, refletir e meditar. Para chegar ao conhecimento é necessário, ainda, que os sujeito possua a mente pura, grande capacidade de reflexão e compreensão clara e exata. Estar em silêncio escutando

pressupõe uma atitude de equilíbrio físico e emocional e grande maturidade intelectual.

Segundo os Vedas, o sujeito que conhece é abençoado duplamente:

- porque possui o desejo pela verdade;
- porque encontra um mestre que lhe possa transmitir o ensinamento na pureza da tradição.

Denomina-se GURU KRPĀ o mestre que aceita alguém enquanto seu discípulo. Diz-se SASTRA KRPĀ aquele discípulo que consegue ver com clareza o significado do ensinamento. Para se conhecer a verdade no sentido filosófico do Ser Absoluto, não há pré-requisito, basta possuir um ardente desejo, segundo o exemplo que é dado pelos mestres, um desejo tão forte quanto aquele de alguém que tem os seus cabelos pegando fogo. É uma urgência, é um desejo que consome todos os demais. Com isto pode-se depreender que uma pessoa pode, portanto, dar as costas para a parte ritualística e dedicar-se apenas à atividade intelectual. Se, por outro lado, desejar apenas os rituais há que cumprir uma série de determinações. Por exemplo, para poder dirigir um ritual a pessoa deverá ter um nome espiritual, em sânscrito, deve pertencer à casta dos brâmanes e também a uma sub | casta e possuir um RSI na sua linhagem. Estas exigências todas só fazem sentido para quem vai officiar os rituais. O mais comum é exigir-se que seja um homem casado e pai de muitos filhos. No mundo ocidental só se segue a parte do conhecimento pois, para realizar os rituais o homem não pode ser separado da sua mulher e deve, ainda, possuir prole numerosa. No verso 23 do capítulo 17 da GTTA, KRISHNA recomenda que se cante OMTAT SAT para neutralizar os efeitos negativos por erros produzidos na ação. O OM foi o som inicial produzido na Criação e significa “o que faz lembrar”. Portanto, o OM deve ser pronunciado antes de começar e após terminar qualquer ação. A utilização do OM é uma prescrição dos Vedas como uma forma de lembrar dos nossos objetivos. Os versos 24 e 26 continuam afirmando que, tendo sido realizados os atos assim como devem ser feitos, estes não terão um ponto negativo se for pronunciado OM TAT SAT. Os rituais indianos são chamados YAJNA porque envolvem o fogo como sinal de purificação. O Om é um som que está sempre presente nos Vedas, daí que todos aqueles que estudam ou falam dos vedas pronunciam

sempre OM. Na verdade, a forma original da saudação é HARI, OM que quer dizer “que eu me lembre”. TAT significa Aquele, o Absoluto. SAT é Existência e, segundo SANKARA, filósofo indiano, significa algo que se transformou em bom.

VERDADE E AÇÃO

O principal significado de SAT é Existência, mas também pode aparecer nos Vedas com o sentido de ser uma entrega plena ao ritual. Em contraponto pode-se apontar ASAT, a não existência, como um conhecimento falso, por exemplo, o fato de oferecer no altar carne ou ovos.

Quando a Gita afirma que é necessário um amadurecimento intelectual para se re | conhecer a verdade, de fato é apontado que é preciso que o sujeito possua grande capacidade de assumir os fatos da sua vida, assumir as suas ações e possuir um comando firme sobre as suas emoções. Sem esta maturidade o conhecimento da verdade não se torna possível, pois quando se re | age às situações vivenciais reage-se ao conhecimento também.

A primeira parte dos Vedas lista os termos védicos relativos à ação, KARMA, e mostra como a verdade pode ser inscrita numa dimensão religiosa. Há ações que são impulsionadas pelo desejo, ações neutralizadoras, ações proibidas, ações obrigatórias, ações diárias como ter que tomar banho, ações ocasionais como praticar rituais de iniciação ao estudo ou à dança ou rituais de casamento e morte. Segundo SANKARA, grande mestre de Vedanta, há três tipos de ações que não devem ser abandonadas nunca:

rituais, doações e ascetes. O oferecimento, a doação e a austeridade devem ser realizadas pelo sujeito enquanto ainda houver a compreensão de que ele constitui agente da ação. Realizando-se estas três ações considera-se que o sujeito consegue a preparação da mente, pois estas três ações são purificadoras, PĀVĀNI. Uma vez com a mente purificada, o conhecimento da verdade aflora e o sujeito torna-se sábio, embora as obrigações em nenhum momento devam ser abandonadas.

Quando a mente estiver pura, quer dizer, em estado de calma, relaxamento, desprendimento, então a disponibilidade do sujeito será naturalmente para a visão da verdade, pois o intelecto volta-se para a contemplação do Ser Absoluto.

Dizem os Vedas que se o sujeito dá início à busca pelo conhecimento da verdade em qualquer tempo, com qualquer idade, nada se perde, o que se alcançou já basta e pode servir como merecimento, PUNYA, nesta vida ou em outra. Tudo isto que aqui é afirmado compreende o conhecimento védico e justifica, por exemplo, o vegetarianismo. Segundo os textos védicos não se deve comer carne pois pode-se estar engolindo algum parente.

É através das atitudes que se percebe que o sujeito possui preparação da mente: mente livre do apego às coisas e às pessoas, mente sob firme comando, livre dos desejos para se dedicar unicamente ao conhecimento intelectual.

“Eu sou aquele que é completo” constitui o último verso de ensinamento da Gita. E é também a única verdade.